



# O homem brasileiro e sua presença no mundo tropical

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR  
Etnólogo e Sociólogo Membro do Conselho Federal de Cultura

Dois termos podemos encontrar no tema desta palestra; e é justamente em torno deles que será possível desenvolver a idéia, ou algumas idéias, acerca da presença do homem brasileiro no mundo tropical. São os dois termos que integram a idéia a desenvolver; um, o homem, no caso o homem brasileiro; outro, o trópico, ou seja o ambiente em que este homem brasileiro surgiu e vive. São eles os elementos centrais do nosso tema: o ambiente e o homem; o ambiente caracteristicamente tropical e o homem tropicalmente brasileiro.

É evidente que a partir desta colocação nos situamos diante do que poderíamos chamar de relacionamento do homem e do meio, ou seja o comportamento do homem brasileiro neste meio que ele transformou, por sua ação cultural, em seu ambiente. Foi em trópico que surgiu este homem; em trópico que era inicialmente ocupado por tribos ou grupos indígenas, com as quais misturaram os portugueses chegados a partir dos começos do século XVI como descobridores e colonizadores. E trazendo estes portugueses, também outro elemento humano: o negro africano, vindo como escravo para a chamada mão de obra necessária aos trabalhos agrários, domésticos e mais tarde urbanos.

O homem brasileiro, surgido neste meio tropical, é inicialmente um produto destes três grandes grupos, através de um processo de mestiçagem que se desenvolveu, no decorrer dos séculos; deste processo têm igualmente participado nos últimos 150 anos, mais ou menos, outros grupos europeus, mas não portugueses, e de tempos mais recentes — pouco mais de 50 anos — um grupo oriental: o japonês. Seria, aliás, mais exato falarmos em homens brasileiros

Palestra realizada no Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura, em 1 de março de 1971.

que em homem brasileiro, tantas são as variadas feições que a mestiçagem tomou para dar margem ao surgimento de nossa população contemporânea.

Em primeiro lugar, esta diversidade resulta da própria diversidade tropical. Sabe-se que o ambiente tropical não é uniforme; antes se apresenta variado. No caso do Brasil é típica tal situação se considerarmos o trópico amazônico, o trópico litorâneo, o trópico sertanejo, para apresentarmos três exemplos de condicionamento tropical imperando em nossa formação humana e social. Daí porque se diversificou, em primeiro lugar, a mestiçagem, em consequência do que o homem brasileiro foi tomando características próprias.

O relacionamento entre os três grupos fundamentais — os índios, os portugueses, os negros africanos — variou segundo tempo e local. Segundo o tempo, levando em conta a expansão que no decorrer dos anos, marcou o processo de ocupação humana; segundo o local, tendo em vista o ambiente criado, ora com a presença maior de um dos grupos, ora com o condicionamento do meio — e, no caso, meio tropical — a marcar o regime desse relacionamento, caracterizar a situação.

Diante do vasto mundo — mundo tropicalmente variado — com que se deparou na América, o português não pôde ocupá-lo de uma só vez. Sua população na Europa era diminuta, abalada ainda mais pela atração do mar, a aventura marítima que a partir dos 500 levou grande quantidade de gente para a Ásia e a África. Contudo, o português teve a visão do futuro, e marcou nos limites do território que descobriu a sua presença; um forte ou uma fortaleza portuguesa desde o extremo norte e no centro oeste assinalava a ocupação lusitana, que, pequena em número de vindos da metrópole, cresceu com a mestiçagem: com o índio e com o negro.

Lentamente então o vasto interior, dentro dos limites fixados pela presença militar, começou a ser ocupado; e o processo de ocupação ainda decorre em nossos dias, quando procuramos fixar nossas populações no alto interior da Amazônia e do centro oeste. Em vez das fortalezas da ocupação portuguesa, os já brasileiros construímos Brasília e abrimos Belém-Brasília; e em nossos dias, penetramos quase em linha reta do litoral até o extremo oeste no limite com os países vizinhos, através da Transamazônica, de modo a assegurar definitivamente a gloriosa conquista dos nordestinos na Amazônia a partir dos fins do século XIX.

Da mestiçagem começada no século XVI até nossos dias, uma primeira conclusão se pode assinalar: esta mestiçagem não é um fator de inferiorização. Ao contrário: pode-se concluir que se apresenta como fator de superiorização do homem brasileiro localizado em trópico. Mestiços foram os que ergueram a economia açucareira no litoral, lavrando engenhos e construindo cidades; mestiços ainda os que tangeram o gado abrindo fazendas e cidades a partir do vale do São Francisco que se tornou um verdadeiro leque de expansão do povoamento; mestiços também os que galgaram o planalto de Piratininga e daí partiram, com a epopeia bandeirante, à conquista das serras, descobrindo veios auríferos, implantando cidades, vencendo desertos, tal como Bilac simbolizou em Fernão Dias Paes toda a glória daquele episódio que desbravou o centro oeste e criou o barroco brasileiro: “violador de sertões, plantador de cidades”.

Mestiços foram igualmente os nordestinos que no século XIX penetra-

ram a Amazônia ou desceram para o sul baiano, derrubando as matas para erguer a economia cacaueteira; mestiços os que aproveitaram as águas de Paulo Afonso, distribuindo energia elétrica para todo o Nordeste; mestiços os que construíram Volta Redonda, ao mesmo tempo que substituíram as decadentes plantações de café do Vale do Paraíba, pelas chaminés industriais que hoje ali se erguem; mestiços os que ergueram povoações e cidades, por toda a extensão do território marcando o panorama brasileiro de sua criação. E mestiços, todos estes, tropicais.

Donde se pode concluir, sem dúvida, que a mestiçagem não inferioriza o homem, nem o trópico degenera o elemento humano. O melhor exemplo estaria justamente em se ter encontrado, nas florestas tropicais do Peru, da Guatemala, do México — sobretudo dentro da faixa mais tropical da Guatemala — os melhores padrões de cultura indígena, alta cultura que desabrochou ao sol dos trópicos com os Incas, os Incas, os Aztecas. Se não encontramos no Brasil, nenhum padrão indígena dessa altura cultural, não foi por culpa do trópico, mas antes pela circunstância de que a chegada do colonizador branco cerceou a expansão da corrente indígena. Mas a presença da cerâmica de Marajó já se apresenta como testemunha de existir, no território brasileiro, população indígena de cultura adiantada.

Na verdade, não existia no Brasil, no momento da descoberta, população indígena; e sim populações indígenas. Não havia um índio, mas índios. Diversificação física, variedade cultural, nem sempre perceptíveis aos nossos olhos considerados civilizados, eram marcantes em nossas populações indígenas. Ao lado de diferenciados tipos físicos, maior ainda era a diversidade cultural, apresentando-se nossas populações aborígenes em níveis os mais variados de cultura.

O que sucedia também com os portugueses. Nem eram uma unidade física, nem mantinham unidade cultural. Possuíam os nossos descobridores um passado altamente mestiçado, com ingredientes os mais diferentes em sua formação física: iberos, célticos, capcienses, pirenaicos, lusitanos (de si já mestiços), romanos, germanos, árabes, encontrando-se nestes três últimos grupos os mais variados elementos. Típicos, por exemplo, se tornaram o português do norte, alto, louro, claro, olhos azuis, oriundo principalmente dos suevos, e o português do sul, baixo, moreno, cabelos pretos, olhos também escuros, formado principalmente pelos árabes; verdadeiros extremos de uma população mestiçamente variada. Daquêle primeiro, o português do norte, predominou sua presença no Nordeste brasileiro, sobretudo nos séculos XVI e XVII.

Um estudo, altamente interessante aliás, sobre a população brasileira nos fins do século XVI, do professor Tarcisio do Régo Quirino, conforma numericamente a presença mais numerosa de portugueses do norte de Portugal no Brasil daquela época. Através de dados colhidos nas Denúncias e Confissões do Santo Ofício, principalmente, mostra o historiador pernambucano a predominância de imigrados de Viana, de Braga, de Trás-Montes, de todo o norte enfim, entre os lusos presentes no Brasil, de modo particular nas capitães de Pernambuco e da Bahia.

Estes portugueses do norte eram, como se sabe, oriundos dos suevos, que, com as invasões germânicas dos séculos V a VIII, se localizaram naque-

la região portuguesa. Dêsses suevos é que procede, predominantemente, o português que emigrou para o Brasil no século XVI e ainda no XVII; e não deixou de fazê-lo nos séculos seguintes. O atribuir-se à influência holandesa o nordestino de hoje, de olhos claros, embora moreno de pele, às vêzes de cabelo o seu tanto alourado, é puro êrro de visão; ou excesso de imaginação, pelo menos.

Trata-se de descendente puro, ou entre os mais puros, do português seicentista. Desse português do norte se herdaram — ou herdamos, nós, brasileiros, e especialmente nordestinos — as características físicas, como se herdaram certos elementos culturais; e entre êles a linguagem. O uso, por exemplo, de expressões seicentistas, hoje arcaicas, não mais permanecendo no português do Brasil contemporâneo, salvo em regiões distanciadas ou isoladas; ou relativamente isoladas. O contacto, o interrelacionamento regional, os modernos meios de comunicação vão matando os arcaísmos; e são as velhas palavras, de sabor a Camões ou a Gil Vicente, substituídas por palavras modernas, mais recentes.

Ainda recentemente se atribuía à mestiçagem com holandês um grupo indígena, de aspecto alourado; se há êste grupo indígena, possivelmente alourado, nem de longe pode ser mistura com holandês. Do holandês a mestiçagem, se houve, não resistiu ao tempo. De início, deve lembrar-se que o holandês foi elemento puramente urbano; sua presença se marca predominantemente em Recife, não se espalhando, se não esporadicamente, por outras regiões, ou sub-regiões, do Nordeste. Não há sinal de mestiçagem mesmo nos meios urbanos; muito menos nos meios rurais e entre populações indígenas. Se há índios possivelmente louros, ou alourados, ainda aí teríamos de comprovar a presença portuguesa, e não de outros europeus, tão esporadicamente miscigenados, se miscigenados, no Brasil do período chamado colonial.

Do negro africano, trazido como escravo para os trabalhos agrários, domésticos e urbanos, não se pode dizer diferente: era também variado física e culturalmente, como comprovaram os estudos, já relativamente numerosos, acerca do elemento escravo no Brasil. A obra de Nina Rodrigues, de Arthur Ramos, de Gilberto Freyre, de Roquette Pinto, de par com estudos monográficos mais particularizados — de Bastide, de René Ribeiro, de Otávio Eduardo, de Edison Carneiro, tem por testemunha esta variedade do negro africano, em seu tipo físico e em seus níveis culturais.

Os três grupos aqui encontrados espalhando-se pelo território tropical, realizaram a admirável aventura de formação do homem brasileiro, criando-o através do processo de ocupação humana do país, com as diversidades decorrentes do meio ocupado, regionalizando os elementos assim criados em tipos que se tornaram representativos do ambiente onde surgiram.

Aventura admirável, em trópico seco e úmido, talvez única no mundo; aventura tropical de criação de um nôvo homem, diversificado nas tendências regionais de sua formação, mas unificado em um mesmo espírito — o espírito de brasilidade, que surge nos começos da colonização, na preservação dos próprios valores da terra, de um lado, e, de outro lado, com a defesa da terra contra ataques estranhos: de franceses, de ingleses, de holandeses, estes de maior duração, na primeira metade do século XVII. Oportunidade, aliás, que hoje

poderemos considerar feliz, porque testemunhou, já naquele momento, um século depois da colonização, a existência no Nordeste de um verdadeiro sentimento de Brasil. Sentimento que unia portugueses, índios, negros, já brasileiros todos.

A esse quadro, que se desenrola por todo o período dos três primeiros séculos — do XVI ao XVIII — começa o homem brasileiro a dar novo colorido com a introdução de imigrantes europeus, não portugueses, a partir dos inícios do século XIX. Em 1808, a abertura dos portos tornou possível a entrada de estrangeiros no Brasil; naquele mesmo ano, o ato régio de 28 de novembro permitia a concessão de terras a estrangeiros. Tais medidas contribuíram para a fixação de europeus — inicialmente alemães, mais tarde italianos, poloneses, russos, libaneses, sírios, húngaros, holandeses — em terra brasileira, num processo de ocupação de áreas até então despovoadas, por meio de colonização agrária.

Isto não exclui a presença de estrangeiros no Brasil dos três primeiros séculos, que se não foram numerosos, foram, entretanto, insistentes na conquista da terra. Espanhóis, em regiões sobretudo fronteiriças; franceses, em várias partes — No Maranhão, cuja capital ainda hoje conserva o nome do rei de França: São Luís; no Rio de Janeiro, com a aventura de Villegaignon; no litoral nordestino, onde ainda persistem portos com o nome de “Franceses”. Já no seu Tratado de 1587 Gabriel Soares assinalava 3 portos dos Franceses, nas imediações da foz do São Francisco; um deles, em território alagoano, nas proximidades do pontal de Coruripe, é ainda hoje conhecido com seu nome tradicional: Porto dos Franceses.

A influência francesa se atribuiu, no século XVI, o Surgimento de mestiços alourados, quase o que chamaríamos hoje sarará; seriam mamelucos de franceses e índios, espalhados por zonas onde se fêz sentir a presença de aventureiros franceses, destes, aliás, já há notícia nos começos do século XVI. Anchieta, por exemplo, refere que em 1504 já havia franceses pelas costas do Brasil, tentando conquistar a terra. A luta dos franceses com os portugueses, sobretudo para obtenção do pau-brasil, foi tão intensa que Capistrano de Abreu chegou a afirmar que, por volta de 1530, seria difícil saber se o Brasil continuaria português ou se tornaria francês.

Essa migração estrangeira que começa no século XIX estaria principalmente no sul: primeiro no Rio Grande do Sul, com a experiência plenamente vitoriosa de São Leopoldo, depois em Santa Catarina, no Paraná, São Paulo. Naqueles três primeiros Estados essa presença se marcou pela constituição de colônia, com atividade agrária; de onde surgiram colônias que se transformaram, no correr dos tempos, em hoje prósperas cidades: São Leopoldo, Caxias, Farroupilha, Novo Hamburgo, Brusque, Itajaí, Santa Felicidade, tantas mais; em São Paulo o imigrante, principalmente o italiano, entrado para a cultura do café, mais tarde se fixou na capital, onde deu sua contribuição para o processo de urbanização do que é São Paulo — capital dos nossos dias. Imigrantes e filhos de imigrantes estimularam, — ou realizaram, podemos dizer, — o processo de urbanização — e com o de urbanização, o de industrialização — em São Paulo.

Tentativas de colonização estrangeira no Nordeste não deram bons re-

sultados: na Bahia, em Pernambuco, nas Alagoas, fracassaram as experiências. Muitos culpavam não raro o clima — no caso, o clima tropical — por sua incapacidade de fixar o europeu. Nada disso. A inadaptação do imigrante do Nordeste agrário se deu em consequência de causas econômicas e sociais: de um lado, o predomínio do latifúndio, tornando impossível o estabelecimento da pequena propriedade, que caracterizou a fixação do europeu no sul, e, de outro lado, a escravidão como sistema de trabalho, quando o imigrante vinha como homem livre para trabalhar a terra e produzir numa economia própria. Escravidão e latifúndio são termos que se opõem à imigração. E tanto assim é certo que à proporção que diminuiu o trabalho escravo no Brasil cresceu a corrente imigratória. Basta salientar-se que entre 1890 e 1899, nos dez anos que se seguem à abolição da escravidão, entrou no Brasil o dôbro de imigrantes que haviam entrado nos 80 anos anteriores: de 1808 a 1888.

A inadaptação do Nordeste para receber o imigrante não foi da terra ou do clima tropical, mas das condições vigentes, da estrutura social e econômica que dominava o uso da terra. E tanto isto é certo que quando se tornou possível fixar imigrante em colônia, como proprietários da terra, a experiência teve pleno êxito: o caso do Pium, no Rio Grande do Norte, por exemplo; completado em nossos dias com o de Punaú, também no Rio Grande do Norte.

É evidente que, no sul, pela ocupação de terras então despovoadas, tornando-se proprietários de sua lavoura ou senhores de suas oficinas de artesanato, o imigrante se tornou vitorioso; o sistema de fixação deu-lhe oportunidade para desenvolver sua capacidade realizadora. E da mesma forma que se integrou no sistema econômico predominante, participando da estrutura social que então se criava, contribuindo para a formação de uma sociedade característica, talvez distinta em certos pontos do que vigorava em outras regiões brasileiras, o imigrante também se integrou no sentido de nossa formação humana. Contribuiu para a mestiçagem, contribuiu para a formação de um tipo brasileiro caracterizado pela predominância dos traços europeus, contribuiu para o pluralismo brasileiro de nossos dias. Contribuiu, assim, para o sentido que marcou, na expansão do povoamento século a século, através de etapas regionais, o processo de ocupação humana do território brasileiro.

A êsse processo de ocupação humana — devemos assinalar — não foram estranhas as próprias condições tropicais; a estas se devem, em grande parte, a fixação do homem mediante o estabelecimento de uma atividade econômica que se constituía fator de fixação, e ao mesmo tempo elemento em torno do qual se estabelecia uma sociedade estável. O grupo social se fixava de acordo com uma atividade econômica resultante da própria condição ecológica.

Primeiro foi no litoral com o plantio da cana de açúcar que cedo se adaptou ao excelente massapê nordestino, criando uma sociedade agrária, de base estável, que se constituiu o núcleo fundamental de toda a formação brasileira. A expansão dos canaviais na direção norte encontrou terrenos menos propícios ao plantio da cana, mas na direção interior, o gado se tornou o elemento não apenas de abertura de caminhos se não também de fixação de novos núcleos humanos. A partir do São Francisco se irradia em várias direções, penetrando, para o sul, no território que seriam as Minas Gerais, e em direção norte vai ocupar o sul do que é hoje o Piauí, e chegar por outras estradas ao

território amazônico. É um vaqueiro nordestino, ao que parece pernambucano, o primeiro elemento humano a penetrar nos altos sertões amazônicos.

Enquanto isso, falhando a implantação da cana de açúcar no litoral vicentino, sua população procura outros meios de vida, e encontra o caminho para o planalto. Alcança Piratininga, onde se funda o núcleo que seria a hoje industrial e moderna cidade de São Paulo. Daí continua a penetração: para o centro oeste, vai encontrar as minas de ouro no que seria Ouro Preto e suas cercanias, daí se expandindo na continuidade da caminhada de ocupação do território; para o sul, não encontrando o ouro tão procurado, desbravam os campos de Guarapuava abrindo uma nova atividade, que é a do criatório. Este sempre em expansão, para o sul, encontra no território do que é hoje o Rio Grande as primeiras penetrações do gado vindo das então colônias espanholas.

Como se vê a expansão do povoamento se adapta às contingências tropicais do meio. Onde o terreno permitia o plantio da cana, a economia açucareira se implantou; onde se encontrava a atração dos veios auríferos e diamantíferos, aí se fixou o homem; onde os campos tornavam importante o criatório, o gado contribuía para estabelecer o povoador. Na continuidade do tempo, a mesma continuidade no processo de ocupação se verifica: é o surgimento da penetração nordestina na Amazônia com a borracha; a expansão da caminhada do café através do vale do Paraíba, da província fluminense até alcançar os solos roxos paulistas, passando pelos terrenos de mata das Minas Gerais e já em nossos dias ocupando o oeste paulista e paranaense para penetrar em terras do Paraguai; é o deslocamento nordestino para o sul baiano com a exploração econômica do cacau. E assim, neste quadro resumido embora, temos a marcha da ocupação do território com o homem brasileiro dominando e condicionando o meio tropical, na aventura da penetração da terra e de sua fixação definitiva.

Com o tempo em que cada etapa dessa penetração se verifica, o processo de formação do homem brasileiro vai sendo marcado, de um lado, pelos resultados da mestiçagem verificada, e, de outro lado, pela implantação de uma sociedade que se caracteriza pelo perfeito relacionamento entre o homem e o meio. Tempo e local, voltamos a dizer, contribuem na formação do brasileiro, ou mais exatamente dos tipos brasileiros. Não um brasileiro monoliticamente único; mas um brasileiro diversificado em brasileiros que se marcam pelas características da mistura física e da transculturação entre os grupos.

O mulato, o mameluco, o curtiboca ou caboré, o pardo, são alguns dos tipos humanos que vão surgindo em nossa paisagem tropicalmente mestiça. Tipos humanos que se alongam, não raro, em tipos sociais, significando justamente a perfeita identidade entre o homem e o meio; o ambiente que daí surge não apresenta senão uma característica que é a presença física do homem na realização das atividades que o meio pode oferecer. Daí as diversidades do tipo social que vamos encontrar nesta paisagem em que o brasileiro realiza a admirável aventura de dominar o trópico e transformá-lo, na irradiação de sua obra de criação que torna possível uma diversidade de brasis na unidade de um mesmo Brasil.

A estes tipos humanos que poderíamos chamar tradicionalmente brasileiros, porque surgem desde os começos da ocupação do território brasileiro,

precisamos acrescentar os novos tipos, modernamente surgidos com a presença dos imigrantes. De fato, o elemento chegado com a imigração vai se incorporar, e de maneira não raro expressiva, a esse processo de mestiçagem e de transculturação, que marca nossa paisagem física e nossa paisagem cultural. As novas gerações que se sucedem, mescladas, deram o que podemos chamar hoje de teuto-brasileiro, ítalo-brasileiro, nipo-brasileiro, para salientar tão só os mais significativos, ou sejam os descendentes brasileiros de alemães, de italianos, de japoneses. Outros mais, e não poucos, de ascendência séria, ou libanesa, ou polonesa, poderíamos ainda acrescentar a esse quadro.

São, na realidade, variantes do tipo brasileiro, ou tipos também brasileiros. Tal como os mestiços dos três tipos fundamentais, também os mestiços de imigrantes já se podem considerar brasileiros. Dai a variedade física que encontramos no Brasil de hoje, não tendo ainda se fixado definitivamente um tipo nacionalmente brasileiro, a que poderíamos chamar de modelo ou padrão brasileiro. Somos uma gente de variados tipos e aspectos dentro de tendências que procuram aproximar-se.

De morenos tropicais da Amazônia ou do Nordeste, ou de morenos nipo-brasileiros ou ítalo-brasileiros do sul, igualmente tropicais, ou tropicalizados, os descendentes dos velhos troncos originais ou os dos grupos imigrados a partir do século XIX, podemos dizer, sentem-se todos brasileiros; ou um mesmo brasileiro. Não foi sem razão, mas ao contrário fixando um aspecto característico de nossa paisagem humana, que recente reportagem, em matutino carioca, assinalava a presença da fita verde-e-amarela adornando cabelos de jovens descendentes de tapuias na Amazônia e de japonês no sul; uma e outra, irmanadas no amor ao Brasil, proclamando tropicalmente “somos brasileiras”.

Somos, por isso mesmo, essencialmente, fundamentalmente, nesta unidade de sentimento, um povo mestiço. Um povo tropicalmente mestiço. Não somos ainda uma unidade fisicamente homogênea. Duas razões se nos apresentam ponderáveis para tal afirmativa: uma, a mestiçagem prossegue, continua a processar-se, multiplicando-se os tipos existentes; outra, os tipos físicos transformaram-se em vários casos, em tipos sociais. Não há dúvida, e essa observação de Gilberto Freyre merece a melhor acolhida, que caminhamos para a morenidade, ou seja um brasileiro tropicalmente vário em sua morenidade. Daí os tipos de nortistas, de nordestino, de baiano, de mineiro, de goiano; e também os de paulistas ou de sulistas.

É comum encontrarmos as mesmas maneiras de pensar de uma região em relação a outras, ou melhor, como o nordestino vê o paulista, como o paulista vê o gaúcho, como o gaúcho vê o mineiro, como o mineiro vê o nordestino, e assim por diante. Neste modo de ver vai muito da própria psicologia tanto do que é observado como do que observa: aquele, o observado, porque registra seu espírito ou suas tendências, e este, o observador, porque revela seu sentimento pessoal. Dessas maneiras muito se poderia deduzir da psicologia brasileira, das manifestações de sentimento ou de pensamento do brasileiro.

Isso não exclui o que, ainda usando as observações de Gilberto Freyre, singulariza o brasileiro como tipo caracterizado por um conjunto de modos que lhe são peculiares, de andar, de falar, de sorrir; que essa singularidade se diversifica em aspectos peculiares à sua região, dando ao tipo nacional brasi-



leiro aquelas especificidades que o distinguem regionalmente; distinção não apenas em aspectos físicos, sem prejuízo do tipo nacionalmente tropical da morenidade, mas igualmente em certos aspectos de comportamento cultural, ora em atividades que são tipicamente locais, ora em crenças ou idéias marcadas pelo ambiente, ora ainda pela maneira como é visto pelos outros brasileiros de região. Daí aquela observação a respeito de alguns brasileiros regionais, tão definidora das maneiras de pensar ou de agir de cada um: "Latim de mineiro, Riqueza de paulista, Valentia de gaúcho, Eloquência de baiano, a meta-de ainda é o dôbro".

Se cada região tem suas características, peculiaridades que assinalam sua atividade econômica ou sua estrutura social, um elemento comum as aproxima, como que as identificando na unidade que as liga brasileiromente: o fato de serem regiões tropicais ou, no caso do extremo sul quase tropicais. Nem se diga que a maior prosperidade de umas em relação a outras seja decorrente da maior ou menor proximidade do trópico. Em pleno trópico desenvolveu-se uma cidade como o Rio de Janeiro; como em pleno trópico surge um parque industrial como o de Aratu na Bahia; em pleno trópico o Recife cresce econômica e urbanamente como cidade moderna, da mesma forma que em pleno trópico Manaus ou Belém viveram grandes momentos de esplendor, ainda hoje testemunhados pelos teatros, as praças, os edifícios, os monumentos, o calçamento vindo de Portugal. De Belém, lembre-se, a arborização, talvez única em cidade brasileira, é feita de mangueiras, o que foi salientado por um poeta popular:

*Belas praças e avenidas,  
Que hoje estão na dianteira,  
Quase todas arborizadas  
Com grandiosas mangueiras.*

Desse relacionamento interregional, criando o que Alceu Amoroso Lima chamou de "equilíbrio de contrastes", é que o homem construiu a unidade brasileira, capaz de unir o diverso ou de completar o diferente. Somos hoje, face a esta diversidade regional, de um lado, e, de outro lado, aos variados tipos humanos e níveis culturais que apresentamos, um Brasil plural; o pluralismo étnico e cultural constitui neste tempo nossa característica mais viva. E que nos coloca entre os contemporâneos como mais uma experiência, admirável sem dúvida, e não apenas aventura, da presença do homem no mundo tropical.

Do trabalho desse homem, mestiço, sem pretensões a superior, mas capaz de realizar grandes empreendimentos, é que pôde surgir o que hoje chamamos de cultura brasileira, na criação de valores e de técnicas que são testemunhas do seu espírito criador. E além desta cultura brasileira, podemos reconhecer a existência no Brasil de uma civilização; civilização tropical, é certo, moderna no que possa ser mais modernamente autêntico em face do europeu ou do norte-americano, e não apenas em face do africano ou do asiático, também tropicais.

Com suas diversidades regionais, esta civilização tropical em que valores distintos se interrelacionam e se conjugam, pode oferecer ao mundo de nossos

dias, não raro inquieto no relacionamento entre grupos humanos diferentes e vivendo às vezes o choque de culturas distintas, a experiência de um ambiente de relações harmônicas entre homens que provieram de troncos étnicos diversos. E com esta experiência, em trópico e aos influxos deste ambiente tropical pode oferecer uma contribuição, talvez única em nossos dias, para a paz e a harmonia entre os homens, através de um largo processo de miscigenação e de transculturação que, iniciado no século XVI, prossegue em nossos dias, e continuará de certo, a testemunhar a presença atuante do homem brasileiro em seu mundo tropical.